



ATIVIDADES CIRCENSES NA EDUCAÇÃO FÍSICA: TRANSFORMANDO A ESCOLA EM PICADEIRO

THE ARENA INVADES SCHOOL: CIRCUS ACTIVITIES PHYSICAL EDUCATION IN SCHOOLS

*Luana Zanotto e **Osmar Moreira de Souza Júnior

RESUMO

O estudo objetivou analisar a implementação de uma unidade didática de atividades circenses em uma turma de 6º ano do Ensino Fundamental de uma Escola Estadual do interior paulista. Utilizou-se da pesquisa-ação, consolidada em dez aulas-intervenções. Para coletas de dados foram elaborados diários de aula e roda de conversas na perspectiva do grupo focal. A análise dos dados revelou duas categorias temáticas: i) a unidade didática das atividades circenses e a participação dos alunos; ii) as dificuldades, limitações e possibilidades. Observamos o potencial educativo na dimensão procedimental do conteúdo, bem como as conquistas em âmbito conceitual e atitudinal, possibilitando às crianças o direito de conhecer, vivenciar e recriar as experiências corporais como fenômeno cultural do movimento.

Palavras-chave: Educação Física Escolar; Conteúdo; Atividades Circenses.

ABSTRACT

The study aimed to analyze the implementation of a teaching unit of circus activities for a 6th grade class of elementary school of a state school in São Paulo. We used the action research, consolidated into ten classes-interventions. For data collection were prepared daily conversations wheels lesson in perspective the Focus Group. Data analysis revealed three themes: i) the teaching unit circus activities and student participation; ii) the difficulties, limitations and possibilities. We observe the educational potential in the procedural dimension of the activities and achievements in conceptual and attitudinal framework, allowing children the right to know, creating and recreating the body experiences as a cultural movement phenomenon.

Keywords: Physical Education; Content; Activities Circus.

Recebido em: 14/11/2016
Aprovado em: 21/11/2016

*Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, SP
Email: luanazanotto@yahoo.com.br

**Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, SP
Email: osmar@ufscar.br



INTRODUÇÃO

A história da Educação Física no Brasil no que se refere a sua relação com a escola, mostra um longo caminho em busca de legitimidade e de reconhecimento de sua importância para o exercício da cidadania da criança e do adolescente. Um dos pontos nevrálgicos desta busca recai sobre a definição dos conteúdos a serem trabalhados, problemática que reflete às vicissitudes cotidianas da prática pedagógica do professor de Educação Física na escola.

Tomando como eixo essa problemática, a importância deste estudo relacionou-se à discussão do conjunto de conhecimentos tratados pela Educação Física escolar, particularmente a perspectiva de ampliação desses para além dos conteúdos rotineiros centrados fundamentalmente nos esportes que cotidianamente observamos nas aulas. Como ressalta Kunz (1994), reconhecer o esporte como conteúdo hegemônico impede o desenvolvimento de objetivos mais amplos para a Educação Física, como sentido expressivo, criativo e comunicativo.

De acordo com Bortoleto e Machado (2003), o circo é uma manifestação de cultura muito presente em nosso cotidiano, o que credencia a presença das atividades circenses no ambiente escolar. Em diálogo, Dias (2009), ressalta que ao inserirmos as atividades circenses em aulas podemos proporcionar momentos de satisfação e superação aos alunos, pautados em atitudes que refletem aos modos humanos culturais. Segundo a autora “a cultura, assim como os valores humanos, são fundamentos morais e espirituais da consciência humana [...]. Os valores promovem a verdadeira prosperidade do homem, da nação e do mundo” (DIAS, 2009, p. 16). Isto posto, afirmamos que a cultura não pode ser enxergada como supérfluo, mas como direito de todos os cidadãos, pois é a partir delas que os sujeitos se diferenciam, se comunicam, entram em conflito, trocam suas experiências, criam e movem todo o processo cultural.

Apontamos à necessidade de propor metodologias que deem conta do desenvolvimento das atividades circenses na escola, com vistas em apresentar às crianças outra parcela dos valores culturais, tal qual o

patrimônio cultural que o circo representa em nossa sociedade. Tal proposta de aplicabilidade no âmbito escolar implica alguns questionamentos, tais como: que conjunto de atividades circenses pode ser levado à escola? Como ensinar as atividades circenses? E os materiais?

Por este viés, considerando a riqueza de possibilidades/manifestações que a cultura corporal de movimento apresenta e a perspectiva de ampliar as experiências das crianças e adolescentes em relação a essas manifestações de cultura. É fato que as atividades circenses vivenciadas na escola serão diferentes daquelas observadas nos espetáculos circenses (no circo). Desse modo, o presente estudo teve como objetivo analisar a implementação de uma unidade didática de atividades circenses em aulas de Educação Física de uma turma de 6º ano do Ensino Fundamental.

EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: UM ESPAÇO CULTURAL

Se o lugar é a escola, então é um lugar com identidade, com responsabilidade social e uma expectativa social. Segundo Vago (2009), a escola ocupa um lugar único e, sendo assim, a Educação Física escolar não pode ser confundida com uma academia de ginástica, nem com um clube ou parque, nem como local para treinamento esportivo. Em outras palavras, a escola não pode ser confundida com estes espaços, embora estabeleça relação com eles; todavia, não o são.

Com Vago (2009) compreendemos a escola como um lugar *de/ das e entre* as culturas. Lugar de porque seus protagonistas – os adultos, os jovens e as crianças – são produtores de cultura: cultura infantil, juvenil e adulta. Lugar das culturas porque tem como responsabilidade oferecer o direito a um patrimônio por todos produzidos: conhecer e fruir as diversas culturas produzidas pelos humanos. Por último, lugar situado *entre* culturas porque estabelece relações com outros lugares em que os humanos produzem suas culturas, por exemplo, nas ruas, praças, parques, igrejas, política.



O Conselho Nacional de Educação em seus Parâmetros Nacionais Curriculares (PCNs) (BRASIL, 1997) aponta que a Educação Física, em sua proposta, procura democratizar, humanizar e diversificar a prática pedagógica da área, buscando ampliar, de uma visão apenas biológica, para um trabalho que incorpore as dimensões afetivas, cognitivas e socioculturais dos alunos. Com isso, a inserção da Educação Física na escola, por sua vez, também tem sido abordada como uma forma de produção cultural. Assim, este componente curricular cria uma parcela da cultura que é produzida na escola, cria-se uma determinada cultura escolar de Educação Física (RODRIGUES; BRACHT, 2010).

De acordo com o estabelecido pelos PCNs e, mediante a estruturação de um currículo coerente, compreendemos que a escola deve estabelecer-se como norteadora das seguintes ações pedagógicas: os princípios éticos da autonomia, da responsabilidade dos direitos e deveres de cidadania do exercício da criticidade e do respeito à ordem democrática, os princípios estéticos da sensibilidade, da criatividade e da diversidade de manifestações artísticas e culturais (BRASIL, 1997). Nesse sentido, apoiamo-nos em Souza Junior, citado por González e Fensterseifer (2009), para esclarecer que a Educação Física é:

[...] não apenas um constituinte do rol de disciplinas escolares, mas um elemento de organização curricular da escola que, em sua especificidade de conteúdos traz uma seleção de conhecimentos que, organizados e sistematizados, devem proporcionar ao aluno reflexão acerca de uma dimensão da cultura e que aliado a outros elementos dessa organização curricular, visa a contribuir com a formação cultural do aluno (GONZÁLEZ; FENSTERSEIFER, 2009, p. 17).

Assim como os demais componentes curriculares obrigatórios, a Educação Física faz parte de um projeto cultural, no qual as práticas corporais, as experiências e as possibilidades de trocas que contribuem para a construção identitária e social de indivíduos em processo de formação. Para tanto, é imprescindível que o campo da Educação Física tenha delimitado

alguns conteúdos e legitimado o seu pertencimento à cultura corporal. Por isso, o tópico seguinte apresenta as perspectivas históricas e sociais do circo e, por meio dele, elucida o seu potencial educativo.

UM POUCO DE CIRCO ATÉ O CIRCO NA ESCOLA

O circo surgiu das atividades do entretenimento, de modelos de preparação física, de elementos das festividades sacras e religiosas, das apresentações públicas nas praças, ruas, tabladros, teatros populares, para chegar hoje como é uma arte dos malabaristas, equilibristas, acrobatas, trapezistas, palhaços e tantos outros. De acordo com Duprat e Gallardo (2010), no século XIX, já existiam no Brasil grupos de ciganos que haviam fugido da perseguição na Europa e trouxeram consigo a arte circense. Dentre as especialidades trazidas, incluíam-se os domadores de ursos, exibição em cavalos e ilusionismo.

Estes grupos viajavam de cidade em cidade e adaptavam seus espetáculos de acordo com os gostos da população local. Simultaneamente ao grupo de ciganos, havia os funâmbulos (artista que anda na corda bamba), saltimbancos (saltar sobre os bancos) e os palhaços. Assim, rapidamente o circo tornou-se um espetáculo de presença marcante nas cidades brasileiras, tempo-espaço em que o circo de cavaleiros ganhou status e teve o espaço garantido em suas ruas, teatros e festas locais em inúmeras cidades. Segundo Duprat e Gallardo (2010), os espetáculos, por sua vez, contavam com as apresentações de acrobacias de solo e aérea, cenas com animais, reprise e entrada de palhaços. Os artistas eram compostos pelos mesmos protagonistas da primeira parte do espetáculo.

Este breve histórico sinaliza que a principal característica modificada pela organização das pessoas que compunham o circo foi o modo como ele era formado e intensamente vivido. Em primeira instância, foi constituído por famílias nômades que ensinavam suas habilidades oralmente de pai para filho. Posteriormente, os grupos circenses foram se dispersando pelo



mundo e também em centros especializados, conceito próximo ao que apreciamos na atualidade, conhecido como o fenômeno do “circo novo”, que rompem com a grande tradição – a transmissão de pai para filho (DUPRAT; GALLARDO, 2010).

O circo novo ou Circo Contemporâneo provocou uma ruptura com o modelo familiar circense. Neste novo contexto, os sujeitos interessados no mundo circense buscam entidades responsáveis por difundir práticas sobre o circo de maneira rápida e com caráter educativo. Tal estrutura possibilita a abertura dos conhecimentos e dos saberes circenses que foram construídos e desenvolvidos ao longo dos séculos – por aqueles que viviam o circo diariamente – para pessoas que não faziam parte dessa forma de vida, de maneira que estes saberes podem ser aprendidos fora do circo, sobretudo na escola como conteúdo da Educação Física.

METODOLOGIA

A partir de uma abordagem qualitativa de pesquisa, nos valem dos procedimentos da pesquisa-ação para a elaboração do conhecimento. Consideramos esta abordagem por permitir ao pesquisador uma maior proximidade com os sujeitos e com o ambiente a ser pesquisado, sendo viável a observação dos acontecimentos diários dentre um grupo de pessoas e a inserção participativa durante os acontecimentos no campo de pesquisa (BOGDAN; BIKLEN, 1994).

Assim, o estudo foi desenvolvido em uma escola pública de uma cidade do interior de São Paulo, onde a pesquisadora ministrou um conjunto de 10 aulas de Educação Física para uma turma do 6º ano do ensino fundamental II, composta por 39 alunos, 21 meninos e 18 meninas entre onze e doze anos de idade.

A escolha pelo 6º ano se deu em virtude deste ano compor o terceiro ciclo do Ensino Fundamental II que, em acordo com o Currículo do Estado de São Paulo (SÃO PAULO, 2015), corresponde à fase em que os professores de Educação Física devem ministrar conteúdos da cultura corporal, buscando integrar a cultura contemporânea às discussões com alunos, de

modo que estes reflitam sobre suas vivências com a cultura do movimento. As aulas foram ministradas ao longo de um mês, todas as terças e quintas-feiras, com 45 minutos de duração cada.

Para a organização das inserções, adotamos o referencial proposto Duprat (2007, p. 36), que diz: “as unidades teórico-prático ou didático pedagógicas funcionam como temas organizadores que englobam determinadas capacidades físicas, habilidades motoras, conhecimento e expressão corporal”.

Para a coleta de dados, foram construídos diários de aula após a realização de cada intervenção e suplementados pelas rodas de conversas conduzidas pela técnica do Grupo Focal. De acordo Zabalza (2004), os diários apresentam uma estrutura narrativa muito flexível. Em nossa organização, optamos por seguir um padrão de escrita crítico-descritivo, contemplando o número de crianças presentes nas aulas, a descrição do espaço físico, os materiais utilizados, as condições climáticas favoráveis, a temática abordada em aula, as percepções de como as crianças acataram as atividades, as suas sugestões, o que foi aprendido e ensinado coletivamente, descrição e reflexão do olhar docente às atividades e, por fim, o que foi positivamente alcançado na intervenção e o que necessitava ser repensado à próxima intervenção.

O estudo de Grupo Focal, por sua vez, é uma técnica que deriva das diferentes formas de trabalho com grupos e que ajuda na obtenção de perspectivas diferentes sobre uma mesma questão (GATTI, 2005). As rodas de conversas foram realizadas uma vez por semana, sendo registradas por meio da escrita das falas dos participantes. Ao utilizar desta técnica, realizamos mediações durante as conversas para facilitar a troca de informações, bem como para criar condições em que as crianças explicitarem seus pontos de vistas sobre as atividades e para que a conversa pudesse fluir coletivamente. Aclaramos que para os momentos da coleta de dados na perspectiva do Grupo Focal, foram estabelecidos alguns ‘combinados’ com o grupo, almejando o respeito mútuo às opiniões e posicionamentos expressos durante as conversas.



Para análise dos dados utilizamos a análise de conteúdo proposta por Bardin (2009). Este método permitiu a organização das informações coletadas e convergiu em um processo de classificação das temáticas contidas nos diários de aula e nas anotações das rodas de conversas. Realizamos o tratamento das informações, classificando-as segundo critérios de pertinência ao objetivo do estudo. Assim, delineamos duas categorias temáticas de análise para interpretação e discussão, a saber: *i*) a unidade didática das atividades circenses e a participação dos alunos e *ii*) as dificuldades, limitações e possibilidades.

Ressaltamos que foram respeitados todos os cuidados éticos no que se refere ao consentimento de participação (termo de consentimento livre esclarecido entregue à direção da escola, ao professor de Educação Física e aos pais e/ou responsáveis pelas crianças), ao anonimato dos participantes e à confidencialidade dos dados.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A unidade didática das atividades circenses e a participação dos alunos

Anteriormente ao início das intervenções tivemos a oportunidade de levar os sujeitos participantes para assistir a um espetáculo circense real. Por coincidência dos fatos, a cidade onde a pesquisa foi realizada recebia o circo “Rapadura”. Deste modo, contamos com o apoio da Prefeitura Municipal para que a apreciação do espetáculo acontecesse de maneira gratuita.

Devido à falta de terreno adequado disponível na cidade, o circo instalou-se no ginásio municipal de esportes. Sendo assim, já no circo, propriamente, aproveitamos os minutos que precederam ao início do espetáculo para contextualizar e discutir com os alunos se nos dias de hoje ainda há necessidade que os espetáculos aconteçam sob uma lona ou se podemos levá-los para outros locais, tradicionalmente menos característicos. Neste diálogo, incentivamos as crianças a recordarem suas experiências anteriores com o circo e levamos à problematização de como o circo pode

se inserir na escola. Assim, entendemos colaborar na compreensão de elementos relacionados ao “circo novo”.

Mediante a aproximação concreta com o mundo circense, neste dia observamos que podíamos explorar ainda mais os conhecimentos sobre os conteúdos abordados nas intervenções. Elencamos a modalidade de acrobacias de acordo com as posturas verificadas no espetáculo, bem como atividades que envolvessem a aprendizagem motora global.

Assim, no início das intervenções, a turma assistiu ao vídeo denominado “No Reino de Astúria”, dirigido por Ricardo Fruque, integrante da Cia Estação do Circo. Em seguida, organizamos uma conversa com os estudantes acerca de seus saberes sobre o circo. De modo dialógico, classificamos as modalidades circenses presentes no vídeo e rememorados do espetáculo, de acordo com o material, formas, possibilidade e as técnicas das atividades circenses.

Este momento de mescla entre o prático e o teórico foi regido pelos seguintes questionamentos:

O que vem a cabeça de vocês quando pensam em circo? Preferem o circo da televisão ou ao vivo? De que maneira podemos pensar em realizar atividades circenses em nossa escola? (DIÁRIO DE CAMPO I, 29/09/2011).

Sobre este momento, destacamos algumas falas:

[...] tudo o que tem no circo eu gosto, pra mim, eu ia no circo todo domingo [...]. O globo da morte e aquele monte de motos que rodam pra lá e pra cá é legal, e também o monociclo que precisa de equilíbrio, e tem o tecido que fizemos no circo [...]. O que dá medo são aqueles homens que usam chicote [...] (PARTICIPANTE 3) (sic).

Outro aluno menciona palavras no mesmo sentido, mas acrescenta elementos diferenciados:

[...] todas as coisas que os artistas faz no circo, para mim são atividades circenses e lá a gente vê além das coisas que a professora trouxe, a perna de pau, o cabo de vassoura e as figuras do trapézio e acrobacias. No circo tem alegria, tem gente que chora de rir [...], tem mímica,



expressão e o algodão doce também (risos). (PARTICIPANTE 15) (sic).

Ao abordarmos o contexto circo nas aulas de Educação Física, observamos que a cultura está relacionada às concepções de circo e às atividades circenses. Pois, se a natureza do homem é ser cultural (CHAUI, 2005), destacamos a capacidade de produzi-la e transmiti-la imersa ao rico patrimônio cultural expresso pelas artes circenses. Os alunos manifestaram seus modos de pensar muito diversos, diretamente relacionados com as suas práticas sociais, com os costumes e hábitos desenvolvidos dentro e fora do ambiente escolar.

Em seguida, direcionamos o diálogo para a exposição de opiniões sobre o circo enquanto conteúdo da Educação Física e, por meio da contemplação do mapa do mundo exposto na lousa, percorremos a história do circo em seus diferentes continentes e suas modificações ao longo das décadas.

Após a contextualização histórica da temática e a exploração de quais são os saberes das crianças, apoiamos-nos em Duprat (2007) para organizar as modalidades circenses trabalhadas nas próximas 9 aulas. Subdividiram-se da seguinte forma: a) apresentação do trapézio fixo, acrobacias em duplas, tecido, lira e corda indiana; b) paradismo (chão), aproximação de movimentos ginásticos; c) malabarismo; d) perna de pau, rola-rola e pé de lata; e) poses acrobáticas em duplas, trios e grupos; f) elementos das artes cênicas e mímica; g) palhaço (contextualização de diferentes técnicas e tipos). Todas essas modalidades foram organizadas em 4 unidades didático-pedagógicas: acrobacias (áreas e solo), manipulação (de objetos), equilíbrio (em movimento e do corpo em superfícies instáveis) e encenação (expressão corporal e palhaço).

As estratégias para as aulas transitaram entre a análise e discussão de imagens (fotos), do vídeo e da experiência da visita ao circo (como foi o caso do trapézio e do tecido) e a vivência pelas crianças de algumas atividades. Notamos a preferência manifestada pela maioria das crianças em vivenciar modalidades que utilizam matérias de grande e médio porte, tais como, os aéreos – trapézio, tecidos – ou ainda, o monociclo. Contudo e, na impossibilidade de

ofertar esses materiais nas intervenções, ressaltamos que as crianças participaram ativamente das atividades com utilização de materiais pequenos, mostraram-se entusiasmadas e curiosas.

[...] Percebi com clareza que a turma demonstrou maior interesse por materiais novos, principalmente os de grande porte e médio porte. Em todas as aulas, os alunos mencionam as técnicas relacionadas ao tecido e o trapézio presentes no circo. Embora ainda não tenhamos feito a aula com a perna de pau, usamos deste artifício para manter a concentração e o interesse dos alunos, dizendo que trabalhar as modalidades que não fazem uso de materiais ou que utilizam materiais de pequeno porte é também uma parte importante do processo gradativo de aprendizagem [...] (DIÁRIO DE CAMPO IV, 02/10/2011).

Sendo assim, em nossa proposta de intervenção predominaram a execução de atividades com a utilização de materiais de pequenos portes, igualmente importantes para o desenvolvimento e apreciação das atividades quanto àquelas que usam materiais de grande porte e que são verificadas com frequência embaixo das lonas. Os estudantes foram um dos principais focos deste estudo. Desta forma, consideramos que todas as atividades foram bem recebidas por eles.

Nas atividades de acrobacias aéreas e de solo notamos:

Ao mostrar cada figura, fui instigando a participação, por meio de perguntas sobre as características dos artistas e explicações sobre o trapézio, lira, corda indiana, tecido, etc. Neste momento, o fascínio e a curiosidade foram inevitáveis entre os alunos. (DIÁRIO DE CAMPO V, 06/10/2013).

[...] finalizada a aula, as crianças ainda continuavam realizando a estrelinha, por conta própria, de forma desorganizada, até que um menino bateu com as pernas numa menina que estava distraída (DIÁRIO DE CAMPO V, 06/10/2013).

Corroborando com a ideia de Darido e Souza Júnior (2007), buscamos incorporar às aulas as dimensões conceitual, procedimental e



atitudinal dos conteúdos trabalhados, de modo que as crianças pudessem compreender as atividades vivenciadas, ultrapassando a aprendizagem do gesto motor correto, ou seja, que pudessem problematizar, interpretar, relacionar, compreender essa manifestação da cultura corporal, de tal forma a compreender os sentidos e significados impregnados nas atividades circenses.

As atividades contemplativas da unidade didática de encenações, revelou-se em momentos que mais surpreenderam a turma. Para esta aula, fez-se necessário compor uma estratégia pedagógica que permitisse trabalhar elementos da expressão corporal e que representassem o caráter cômico, lúdico, próprio de um palhaço, por exemplo.

Hoje propus uma aula na sala. Comecei a me manifestar em silêncio. Entrei na sala pisando levemente e tentando dizer bom dia através de gestos. Todos ficaram me olhando com cara de quem não estava entendendo e, ao mesmo tempo, curiosos. Fiz algumas expressões de dúvidas. Alguns começaram a rir, outros a comentar que eu estava sem voz ou com dor de garganta. Em seguida, disse um bom dia em tom alto de voz e uma gargalhada e comecei a falar que trabalharíamos com elementos da expressão facial-corporal, encenações e palhaçadas (DIÁRIO DE CAMPO VIII, 20/10/2013).

Para esta aula, predominaram aspectos que caracterizam a participação dos palhaços no circo e os elementos mímicos.

As gargalhadas predominaram nesse exercício, os alunos riam das “caras e bocas” feitas pelos amigos ou ainda se orientavam pela expressão alheia e acentuavam ainda mais suas próprias expressões [...]. Todos interagiram, estavam curiosos e instigados a falar, opinar (DIÁRIO DE CAMPO VIII, 20/10/2013).

Ao propor determinados objetivos com seus respectivos conteúdos e métodos de ensino, o professor responsável se depara com as exigências de domínio do conhecimento próprio acerca do que foi proposto, por exemplo, às especificidades dos elementos que compõe a arte circense. Na mesma medida, com o domínio

pedagógico que detém sobre o que é proposto. Nesse sentido, é fundamental que o professor de Educação Física tenha consciência de que o seu “saber fazer didático-pedagógico” (CAPARROZ; BRACHT, 2007, p. 33) é um contínuo processo de criação e (re) construção.

Durante o desenvolvimento das unidades didáticas, ressaltamos que o aspecto social foi aguçado, o que perpassou pela construção de valores essenciais para a formação do indivíduo enquanto cidadão participativo da realidade em que vive. Tais valores puderam ser percebidos pela manifestação de caráter cooperativo de uma atividade, pelo respeito e pela responsabilidade em ajudar o outro. Todas estas atitudes foram consideradas aspectos que corroboram à formação humana.

As dificuldades, limitações e possibilidades

Enquanto dificuldades encontradas no processo investigativo, destacamos a atenção e envolvimento dos alunos às atividades propostas. A baixa motivação e ausência de engajamento nas atividades se fez presente em algumas aulas, especialmente em vivências que propunham a manipulação de objetos, tais como o bastão e a massa. As possibilidades de exploração com esses materiais foram abrangentes, o que dificultou a concentração nas orientações da pesquisadora.

O seguinte excerto do VI diário ilustra essa passagem:

[...] num primeiro momento, atribuíram ao bastão a função de espada [...] isso gerou demasiada dificuldade para manter a organização dos alunos, percebi que estavam dispersos e não levaram o momento da prática de equilíbrio e concentração como eu havia previsto (DIÁRIO DE CAMPO VI, 10/10/2011).

Outra situação verificada diz respeito à rápida perda de interesse nas tentativas realizadas. Assim que percebiam a dificuldade envolvida no movimento, as crianças desistiam com facilidade, perguntando-nos ansiosamente qual seria a próxima atividade. Nesse sentido,



um dos participantes se expressa da seguinte forma:

Chega uma hora que eu desisti, porque eu tava entendendo o que era pra fazer, como se posicionar no rola-rola, mas eu tentava e só caía, aí cansa, fica sem graça [...] (PARTICIPANTE 4) (sic).

Percebendo tais manifestações e pensando em mantê-los motivados, buscávamos incentivar a auto-superação, demonstrando novamente os movimentos e salientando que para uma realização aproximada da performance real, faz-se necessário técnicas de treinos sistemáticas e dedicação. Porém, explicávamos que nossas aulas tratavam de pequenas vivências e experimentações das atividades que correspondem ao mundo do circo. Ainda na tentativa de manter a atenção e interesse, em nosso sétimo encontro, contamos sobre a próxima aula com um toque de curiosidade. Damos sugestões e indicativos sobre qual seria a unidade trabalhada, mas sem mencionar a atividade em si. Os alunos se demonstravam animados e, na tentativa de adivinhar, expressavam, em tom alto de voz, o que pensavam. Deixávamos em suspense e convidávamos para estarem presentes em nossa próxima aula.

Novamente criei um suspense, numa tentativa de deixá-los ainda mais interessados para a próxima atividade. (DIÁRIO DE CAMPO VII, 15/10/2011).

Por outro lado, na confecção de bolinhas de malabares não observamos situações de desinteresse para com a tarefa. O registro no diário revela:

[...] todos estavam atentos nas etapas perguntando-nos, incessantemente, qual a maneira correta, além de me pedir para que fizesse algumas etapas, tal como envolver a bexiga e realizar o nó [...] (DIÁRIO DE CAMPO IX, 24/10/2011).

Deste modo, quando se tratou dos materiais confeccionados pelas próprias crianças, o processo de ensino e aprendizagem desvelou-se ainda mais prazeroso e convidativo, de modo que no momento em que ela for utilizar tal material será estabelecido sentido e significado à sua ação.

Mesmo sendo muito difícil ficar em pé no rola-rola foi o mais legal [...] ele foi feito de materiais comuns, assim como a bolinha, e o bom que podemos nos divertir enquanto constrói e depois brincar com eles de outro jeito. (PARTICIPANTE 3) (sic).

Segundo Oliveira (1992), na construção do material, além de obterem o objeto como produto final, o processo de confecção juntos, utiliza a criatividade única de construir e reconstruir objetos, e ainda, oportuniza momentos de afeto entre educador e educando.

Do mesmo modo, algumas limitações relacionadas à infraestrutura, segurança e escassez de materiais, estiveram fortemente ligadas às condições não favoráveis no desenvolvimento da arte circense em âmbito escolar. Os materiais, por sua vez, em sua maioria, foram disponibilizados pelos pesquisadores, considerando que a escola não dispunha dos mesmos e os trâmites legais para aquisição destes recursos levariam um período de tempo incompatível com o tempo de pesquisa.

Porém, é possível a adaptação e construção de alguns materiais, que além de possibilitar o contato com este rico conteúdo ainda cria um ambiente favorável para troca de conhecimentos e experiências entre alunos e professores. Ferreira (2006) destaca que a reutilização de materiais considerados lixo pela sociedade pode tornar a prática pedagógica mais rica. De acordo com o autor referenciado, “o lixo é composto de resíduos de nossa cultura, de objetos que os adultos não utilizam mais e que readquirem vidas nas mãos das crianças, a qual, a partir deles reconstrói a história” (FERREIRA, 2006, p. 47).

Um participante resume esta afirmação do autor em poucas de suas palavras:

Vou pedir para minha mãe me dar um tanto de farinha porque tem bexigas velhas em casa, vou fazer um e começar a treinar. Me sinto feliz quando vejo que tá dando certo e ficando iguais as que são de verdade. Só fiquei triste porque a minha, no dia da aula, ficou meio quadrada (risos) (sic).

Tal como a participante em questão, outros alunos manifestaram o interesse em confeccionar e acumular várias bolinhas. Mediante estes episódios, refletimos que a possibilidade de



confeccionar materiais é uma alternativa interessante que viabiliza o ensino do conteúdo em questão. Assim, possibilita-se também a transferência do que foi aprendido na escola para outras situações vivenciais.

Ao longo das aulas práticas foi necessário organizar os materiais próprios para prática das atividades, bem como garantir aspectos seguros à realização das mesmas. Embora grande parte dos conteúdos trabalhados nas aulas de Educação Física apresente risco de acidentes, se tratando das modalidades de circo há maior probabilidade disto ocorrer. Sendo assim, foi necessário duplicar as condições que garantissem plena segurança aos praticantes.

Nessa visão, é possível sintetizar que independente do espaço escolar destinado à inserção do conteúdo circense, evidentemente, haverá confronto com inúmeras dificuldades e/ou o surgimento de aspectos que limitem algumas das intencionalidades propostas. Porém, é impossível negar o universo de possibilidades que se abre ao introduzir novos elementos da cultura corporal nas aulas de Educação Física (DIAS, 2009).

As reflexões acerca desta categoria nos permitiram a compreensão de que as dificuldades surgidas ao longo das aulas podem ser contornadas mediante a postura docente comprometida e interessada pela busca de transcendência desses obstáculos, ofertando aos alunos momentos de vivências dotados de potencial educativos e superadores.

Contudo, para que esta compreensão de Educação Física se faça presente no ambiente escolar, Duprat (2007) indica que o professor carece de uma fundamentação histórica e crítica em relação aos conteúdos contemplados em suas aulas, em outras palavras, o professor pode

ofertar uma ampla possibilidade de manifestações corporais em suas aulas, rompendo com as práticas tradicionais, tal qual a exacerbção de conteúdos voltados à prática de esportes.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

A intencionalidade deste estudo não foi unicamente demonstrar a viabilidade das atividades circenses para uma determinada turma de Ensino Fundamental, enquanto conjunto de atividades puramente executáveis. Nosso intento foi o de ressaltar que as atividades circenses veem constituindo-se aliadas às aulas de Educação Física. Para além disso, ressaltamos que não se tratam de atividades limitantes ao simples controle do corpo, mas revelam a riqueza de possibilidades de aprendizagens que se abre ao se introduzir novos elementos da cultura corporal nas aulas de Educação Física.

A organização das unidades didático-pedagógicas foi considerada essencial para o desenvolvimento de um planejamento que ofertasse significado a disciplina de Educação Física e, especialmente, oferecessem possibilidades ao estudante de significar sua própria prática.

Com esta pesquisa esperamos proporcionar aos professores algumas reflexões, mesmos que breves, acerca da inserção das atividades circenses no conteúdo programático das aulas. Também aspiramos despertar anseios docentes para repensar a possibilidade de organizar a sua prática pedagógica para que os alunos tenham o direito de conhecer, vivenciar e recriar as manifestações corporais e as experiências como fenômeno cultural do movimento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2009.

BOGDAN, Roberto; BIKLEN, Sari. Notas de campo. In: BOGDAN, Roberto; BIKLEN, Sari. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto: Porto Editora, 1994, p. 150-175.



BORTOLETO, Marco Antônio Coelho; MACHADO, Gustavo de Arruda. Reflexões sobre o circo e a Educação Física. **Corpoconsciência**, Santo André, SP, v. 4, n. 12, p. 41-69, jul./dez., 2003.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: educação física**. Brasília, DF: MEC/SEF, 1997.

CAPARROZ, Francisco Eduardo; BRACHT, Valter. O tempo e o lugar de uma didática da educação física. **Revista brasileira de ciências do esporte**, Campinas, v. 28, n. 2, p. 9-20, jan./abr., 2007.

CHAUÍ, Marilena. **Convite à filosofia**. 13. ed. São Paulo: Ática, 2005.

DARIDO, Suraya Cristina; SOUZA JÚNIOR, Osmar Moreira. **Para ensinar educação física: possibilidades de intervenção na escola**. Campinas, SP: Papirus, 2007.

DIAS, Lara Costa. **Arte circense no ensino infantil: reflexões sobre uma proposta**. 2005. 109f. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso). Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009.

DUPRAT, Rodrigo Mallet. **Atividades circenses: possibilidades e perspectivas para a educação física escolar**. 2007. 122f. Dissertação (Mestrado em Educação Física). Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007.

DUPRAT, Rodrigo Mallet; GALLARDO, Jorge Sergio Pérez. **Artes circenses no âmbito escolar**. Ijuí, RS: Unijuí, 2010.

FERREIRA, Mariana Cristina. **Elementos da arte circense como conteúdo pedagógico da educação física escolar**. 2006. 79f. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso). Departamento de Educação Física e Motricidade Humana, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2006.

GATTI, Bernadete Angelina. Introduzindo o grupo focal. In: _____. **Grupo focal na pesquisa em ciências sociais e humanas**. Brasília, DF: Líber Livro, 2005.

GONZÁLEZ, Fernando Jaime; FENSTERSEIFER, Paulo Evaldo. Entre o “não mais” e o ainda não”: pensando saídas do não-lugar da educação física escolar I. **Revista brasileira de ciências do esporte**, Campinas, SP, v. 9, n. 2, p. 9-24, set./dez., 2009.

KUNZ, Elenor. **Transformação didático-pedagógica do esporte**. Ijuí, RS: Unijuí, 1994.

OLIVEIRA, Zilma Ramos de. **Creches, crianças, faz de conta & cia**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1992.

RODRIGUES, Leonardo Lima; BRACHT, Valter. As culturas da educação física. **Revista brasileira de ciências do esporte**, Campinas, SP, v. 32, n.1, p. 93-107, set./dez., 2010.

SÃO PAULO. **Proposta curricular do estado de São Paulo: educação física**. São Paulo: SEE, 2015.

VAGO, Tarcisio Mauro. Pensar a educação física na escola: para uma formação cultural da infância e da juventude. **Revista brasileira de ciências do esporte**, Campinas, SP, v. 1, n. 22, p. 25-42, jan./jun., 2009.



ZABALZA, Miguel Ángel. **Diários de aula**: um instrumento de pesquisa e desenvolvimento profissional. Porto Alegre, RS: Artmed, 2004.